

Secção 11

Estudos culturais e estudos pós-coloniais: Reminiscências e percepções dos tempos coloniais no tempo presente

Leitung|Coordenação: Susana Pimenta, Fernando Moreira, Orquídea Ribeiro

SALA|RAUM: Trabalho inteiramente online

Mittwoch|quarta-feira – 15/09

15:00 – 16:30	Treffen der Sektionsleiter:innen Reunião dos Coordenadores de Secção
18:00 – 20:00	Eröffnungszereemonie Cerimónia de Inauguração Eröffnungsvortrag Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zürich) Palestra de Abertura Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zurique)

Freitag|sexta-feira – 17/09

08:00 – 09:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen Inscrição para participantes presenciais		
09:00 – 09:45	Maria Manuel Baptista, Fernanda Castro <i>palestra convidada</i>	online	Caravelas do século XXI: ideias e subsídios para pensar um neocolonialismo na Madeira
09:45 – 10:30	Orquídea Ribeiro	online	No rescaldo do colonialismo – silêncios, memórias e (re)história
10:30 – 11:15	Cláudia Fernandes	online	Memórias coloniais na música portuguesa atual
11:15 – 13:15	Mittagspause Intervalo para almoço		
13:15 – 14:15	Plenarvortrag Sprachwissenschaft Sessão Plenária de Linguística		
14:15 – 14:30	Pause Intervalo		
14:30 – 15:15	Sheila Khan <i>palestra convidada</i>	online	O Dever de Pós-Memória num Tempo Fértil de Reparações Históricas
15:15 – 16:00	Gerhard Seibert	online	O teatro Tchiloli em São Tomé: origem quinhentista ou oitocentista?
16:00 – 16:30	Kaffeepause Intervalo para café		
16:30 – 17:15	Matheus Asmassallan de Souza Ferreira	online	Corpo-memória: escrita de si de psicólogos/as negros/as no Brasil
17:15 – 18:00	Poliana Arantes, Charlotte Steinke	online	Estudar e ensinar língua alemã em contextos pós-coloniais (Brasil)

Samstag|sábado – 18/09

09:00 – 09:45	--	--	--
---------------	----	----	----

09:45 – 11:30	Ana Ribeiro	online	Sonhos de modernização, promessas lusotropicalis: a evolução de uma ideologia lusófona
10:30 – 11:15	Fernando Moreira	online	Representações Culturais/Coloniais no Estado Novo: o caso da obra <i>O Feitiço do Império</i>
11:15 – 11:45	Kaffeepause Intervalo para café		
11:45 – 12:30	Robert Stock	online	Testemunhar sobre a violência colonial. Restos arquitectónicos, documentário e a temporalidade do pós-colonial
12.30 – 13:15	Susana Pimenta	online	Passado colonial e formas de representação numa perspectiva comparada: Leïla Slimani e Djaimilia Pereira de Almeida
13:15 – 14:30	Mittagspause Intervalo para almoço		
14:30 – 17:00	Mitgliederversammlung des DLV Assembleia Geral dos membros da Associação Alemã de Lusitanistas		

Abstracts | Resumos – Sektion | Secção 11

Poliana Arantes (UERJ), Charlotte Steinke (UFMG/Universität Leipzig)
Estudar e ensinar língua alemã em contextos pós-coloniais

Os materiais didáticos, inseridos em contextos de aprendizagem pelas instituições de ensino, podem funcionar como dispositivos de poder (ARANTES, 2018), contribuindo para a reiteração e circulação de discursos, muitas vezes, colonizadores de uma determinada padronização de língua estrangeira. Nossa prática enquanto pesquisadoras, orientadoras e docentes de língua alemã em universidades públicas brasileiras tem nos possibilitado constatar que há uma expressiva escassez de materiais didáticos de ensino de língua alemã elaborados especificamente para o nosso público brasileiro, seja no contexto universitário ou escolar (ARANTES, 2018; ARANTES e GIORGI, 2018; BOLOGNINI, 1991; 2008; BOHUNOVSKY, 2009; UPHOFF, 2008, 2009). Tal escassez de materiais revela, simultaneamente, uma lacuna na formação de professores no Brasil, sobretudo no que tange à análise crítica dos materiais estrangeiros massivamente adotados em instituições de educação superior e em escolas por todo o Brasil, que muitas vezes não correspondem às expectativas e objetivos de aprendizagem de nossos alunos e que acabam por reiterar discursos colonizadores de língua estrangeira. Nesse sentido, nossa proposta tem o objetivo de mapear e analisar as produções didáticas que têm sido utilizadas em nossas salas de aula de alemão como língua estrangeira no Brasil e, desse modo, apontar caminhos para o investimento na formação de professores com o objetivo de capacitá-los a interferir na elaboração de políticas linguísticas e materiais didáticos pós-coloniais de ensino de língua alemã de modo autônomo e crítico, partindo-se das próprias referências de mundo. As análises formuladas terão como base teórica a análise do discurso francesa e conceitos de M. Foucault e M. Bakhtin.

Maria Manuel Baptista, Fernanda Castro (Universidade de Aveiro)
Caravelas do século XXI: Ideias e subsídios para pensar um neocolonialismo na Madeira

Na presente comunicação lançaremos o nosso olhar sobre um dos lugares da cultura mais instigantes, traumáticos e problemáticos: o colonialismo. Os blogues de viagem, como ferramentas digitais multifacetadas, quando colocados e interrogados à luz dos Estudos Culturais, revelam uma clara e óbvia articulação com hetero e autorrepresentações que se baseiam em reminiscências dos tempos coloniais. Esta conferência propõe, assim, explorar e compreender os discursos de poder em torno da manutenção de um discurso neocolonialista que auto e heteroexotiza a Madeira, aprisionando-a e cristalizando-a numa narrativa histórica que a remete ao período dos Descobrimentos. As representações que tendem a qualificar e caracterizar a Madeira são constantemente (re)produzidas pelos sujeitos viajantes e promovidas, financiadas e veiculadas pelo mercado turístico e pelas próprias instituições regionais e nacionais. Através da análise qualitativa, foi possível identificar discursos de poder, fenómenos de naturalização e processos de colonizações múltiplas, baseados em hierarquias de poder diversas. Através da leitura e análise destes blogues levantaremos questões que permeiam a construção de uma pretensa “identidade” baseada num fundo histórico e colonialista e numa representação exotizante que fixou e cristalizou o século XV. A partir de que representação a Madeira se financia e é financiada? Do que é que se apropria e a partir de que lugar a Madeira se posiciona e é posicionada no mundo? Esta reflexão surge no âmbito de um estudo que explora e analisa as publicações de 65 blogues de viagens realizadas, por mulheres, à Madeira, entre os anos de 2007 e 2020.

Palavras-chave: Madeira; Neocolonialismo; Poder; Blogues de viagem; Turismo; Estudos Culturais e Pós-coloniais.

Cláudia Fernandes (Universidade de Viena)
Memórias coloniais na música portuguesa actual

À medida que os anos passam e que os tempos coloniais vão ficando mais distantes, a memória dessa altura tem surgido na sociedade portuguesa e florescido no espaço cultural português. O passado colonial é problemático e incómodo na memória portuguesa. Se por um lado se glorifica os “heróis do mar”, por outro tem sido omitido no que se refere a todo o lado sombrio que a Expansão Marítima também encerra. A consciência dessa omissão causa desconforto. Ecos das memórias coloniais têm

surgido recentemente através de diversos registos (literatura, cinema, música, etc.), problematizando e trazendo para a esfera pública os paradoxos e os pés de barro que as memórias douradas têm, revelando situações incompatíveis com o luso-tropicalismo. O “nobre povo” foi capaz de actos pouco nobres e não querer ver, reconhecer e aceitar isso é querer dourar o passado e consequentemente a memória, mas também fechar os olhos ao presente e à realidade quotidiana portuguesa. As memórias coloniais ganharam voz nas gerações mais novas que se insurgem diante do preconceito, da desigualdade, da discriminação e que cantam as suas vidas e as suas dores. O racismo é uma dessas feridas que está aberta desde os tempos coloniais e que parecia invisível numa sociedade de brandos costumes. Capicua, Dino de Santiago ou Fado Bicha (entre outros) relatam e retratam a vida de pessoas que vieram das antigas colónias e/ou dos seus descendentes e de como as reminiscências do tempo colonial ainda fazem sentir nas percepções do seu quotidiano.

Esta comunicação pretende analisar algumas canções de diferentes géneros musicais e verificar como as comunidades de origem africana estão a ser cantadas na música portuguesa actual.

Palavras-chave: Memória, colonialismo, música, racismo

Matheus Asmassallan de Souza Ferreira (Universidade Federal da Bahia)

Corpo-memória: escrita de si de psicólogos/as negros/as no Brasil

Para a historiadora e intelectual brasileira Beatriz Nascimento, o principal documento de memória dos movimentos negros, forçados ou não, é o corpo, seja a travessia do trânsito diaspórico vindo do continente africano para América ou do campo rural para a cidade. A memória não é só o corpo como aparência em cor da pele e cabelo, pelas quais a população negra é identificada e discriminada no Brasil, mas também pelas memórias de fortalecimento. A autora também afirma que esse corpo negro, ainda que parado em uma fotografia anuncia sentidos, na sua memória corporal ou na difícil construção da cidadania frente a história de direitos negados na falsa integração dos negros no contexto de pós-abolição brasileiro. Nesse sentido, este trabalho, que compõe a construção de uma tese de doutorado em psicologia em andamento, objetiva ecoar as escritas de si de psicólogos/as negros/as brasileiros, apreendendo suas narrativas na universidade, bem como do seu corpo-memória de trânsitos e resistências frente ao racismo, onde por tais relatos percebe-se que um dos caminhos possíveis para as transformações sociais da comunidade negra é o acesso e a sua permanência na educação superior, se desenvolvendo social-economicamente e fortalecendo a sua memória (igualmente corpo) pós-colonial nesses espaços, rompendo com os sentidos estagnados em ausências de direitos e violações promovidos pelo colonialismo. Espera-se, com essa investigação, construir subsídios para políticas públicas e institucionais, no intuito de fortalecer a formação e atuação da psicologia, considerando a diversidade étnico-racial dos estudantes na educação superior do Brasil.

Palavras-chave: Corpo-memória; estudos pós-coloniais; educação superior; psicologia.

Sheila Khan (Universidade do Minho, CECS)

O dever de pós-memória num tempo fértil de reparações históricas

A quem pertence o dever da pós-memória? Esta é a interrogação que inspira e dá o chão para a reflexão que pretendo desenvolver. Com rigor, os descendentes das conquistas e independências africanas são ainda alvos de lógicas de racialização, criminalização e de ostracização no espaço da pós-colonialidade europeia, e conscientes das heranças e legados de uma visão colonial do ‘Outro’, recorrem ao ímpeto criativo para desafiar e redimensionar as narrativas do passado da subalternidade colonial. Comprometidos com o processo de criticamente refletir estas disposições sociais, culturais e históricas que construíram os lados abissais entre grupos humanos, estão a emergir de diferentes trabalhos que vão da literatura, da música, da pintura, até à arte documental, novos e vibrantes paradigmas de pensamento e de ação. Partindo dos trabalhos de Djaimilia Pereira de Almeida (2021)¹, de Valter Hugo Mãe (2020)², Kalaf Epalanga e Graça Pinheiro (2021)³, procuro compreender o que significa o sentido da reparação histórica no contexto da pós-colonialidade portuguesa (Khan, 2015)⁴.

¹ Djaimilia Pereira de Almeida (2021), *Maremoto*. Lisboa: Relógio D’Água.

² Valter Hugo Mãe (2020), *Contra Mim*. Porto: Porto Editora.

³ Kalaf Epalanga e Graça Pinheiro (2021), *Pele escura - da periferia para o centro*, filme.

⁴ Sheila Khan (2015). Portugal a lápis de cor. A sul de uma pós-colonialidade. Coimbra: Almedina.

Fernando Alberto Torres Moreira (UTAD, CECS)

Representações Culturais/Coloniais no Estado Novo: o caso da obra *O Feitiço do Império*

Publicado em 1940 pela Agência Geral das Colônias, a obra *O feitiço do Império*, de Joaquim Mota Júnior, vencedora do prêmio de Literatura Colonial instituído por aquela mesma agência, enquadra-se no âmbito das comemorações nacionalistas promovidas pelo Estado Novo – centenários da fundação e da Restauração de Portugal – que culminaram com a Exposição do Mundo Português, evento em que a ‘portugalidade’ e a especificidade do ‘homem novo’ português estiveram em destaque.

Esta proposta de comunicação tem como objetivos problematizar o(s) propósito(s) da obra *O Feitiço do Império* de Joaquim Mota Júnior no quadro da ideologia colonial do Estado Novo e sua propaganda, e contribuir, com esta reflexão, para o resgate memorial de uma época da história e da cultura portuguesas cujos efeitos são demasiado importantes para permanecerem numa espécie de amnésia coletiva nacional.

Palavras-chave: Império Colonial, Estado Novo, Portugalidade, Memória

Ana Ribeiro (Universidade de Leipzig)

Sonhos de modernização, promessas lusotropicalis: a evolução de uma ideologia lusófona

O lusotropicalismo, defendido pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre como causa empírica, afirmava que os colonizadores portugueses eram mais humanos e adaptáveis do que outros colonizadores europeus e que criaram uma civilização luso-mestiça harmoniosa. Segundo tal ideologia, essa comunidade tropical transcontinental era desprovida de racismo e constituída de afinidades linguísticas, culturais e "ecológicas" que justificavam a união e a cooperação nas esferas política e econômica. Usado tanto pelo Brasil quanto por Portugal para diferentes fins pragmáticos e projetos geopolíticos ao longo do tempo, o lusotropicalismo ajudou a definir identidades contemporâneas lusófonas. A filosofia de Freyre pregava que o Brasil, como herdeiro de Portugal, teria lugar natural liderando o desenvolvimento em países africanos. Intelectuais e diplomatas juntaram-se ao projeto, alguns possivelmente não apenas na retórica, mas também na crença e na prática. Vestígios desta ideologia mantiveram-se vivos 80 anos após o seu início, bem como em debates polarizados em Portugal, onde as “descobertas” coloniais são ora glorificadas, ora desconstruídas e condenadas. Meu trabalho tenta traçar a evolução dessa ideologia e como ela se infiltrou e permaneceu nas respectivas imaginações dos países em formas às vezes modificadas, às vezes óbvias, e ajudou a moldar a política externa e ações das elites governantes lusófonas.

Orquídea Moreira Ribeiro (UTAD, CECS)

No rescaldo do colonialismo – silêncios, memórias e (re)história

A relação do povo português com a memória e a história contemporânea sobre o passado colonial passa por silêncios e desmemórias que têm que ser ultrapassados/desconstruídos para se construir laços com os antigos territórios ultramarinos e promover o respeito pela diversidade cultural.

As guerras coloniais na África portuguesa continuam a ser arquivadas como memória coletiva difícil e a necessidade de descolonizar a história (e a mentalidade) persiste; evidência disto são os diferentes textos, colóquios, filmes, documentários, trabalhos científicos, disciplinas nas universidades, exposições, projetos, artigos de jornais, livros científicos e de ficção e autobiografias fictivas que se debruçam sobre espólios privados (correspondência e fotografias), espólios de fotógrafos oficiais ou não, de Africanistas e de políticos, de escritores e homens de cultura.

São muitos os enteados do colonialismo – nascidos em África e forçados a uma existência rotulada na metrópole, migrantes no ultramar que retornaram sem direito de escolha, imigrantes das ex-colônias, criados países recentes, a procurar um rumo em Portugal, ex-combatentes, ex-colonos – as narrativas são muitas, diversificadas, singulares.

O objetivo desta proposta é refletir sobre a multiplicidade de “textos” que se esforçam por escrever as memórias, reescrever a história e assim eliminar os silêncios, para preparar o caminho para a pós-memória, para que a história não seja o esquecimento.

Susana Pimenta (UTAD/IPB, CECS)

Passado colonial e formas de representação numa perspetiva comparada: Leïla Slimani e Djaimilia Pereira de Almeida

Na Europa, pensar ou recordar o passado colonial/imperial não se restringe à história da colonização, mas sim, e sobretudo, levantar outras questões por resolver, como o *racismo*, a *discriminação* ou a *mestiçagem*, intensificadas pelas várias vagas migratórias no pós-independências das colónias. Vários artistas, historiadores ou escritores ligados, de uma forma ou doutra, ao trauma colonial têm vindo a desconstruir preconceitos raciais ao recorrer às memórias dos seus antepassados ou às suas próprias vivências.

Pretende-se com esta comunicação comparar a(s) forma(s) de representar o passado colonial em França e em Portugal, em particular, através de duas escritoras, Leïla Slimani (*O país dos outros*, 2021) e Djaimilia Pereira de Almeida (*Esse cabelo*, 2015; *Luanda, Lisboa, Paraíso*, 2018), respetivamente, que dialogam com o passado histórico e a cultura colonial e problematizam, essencialmente, o presente.

Ainda que haja contextos e estórias diferentes, a desconstrução dos preconceitos ou a exposição de outras perspetivas procuram provocar no leitor/cidadão atual, uma reflexão e uma tomada de consciência do “outro” liberta de colonialidade, para que França ou Portugal alcancem a plenitude de país *pós-colonial*.

Gerhard Seibert (CEI – ISCTE-IUL; PósAfro/UFBA)

O teatro Tchiloli em São Tomé: origem quinhentista ou oitocentista?

Em São Tomé e Príncipe há dois teatros populares originários da Idade Média europeia, o Auto da Floripes no Príncipe e o Tchiloli em São Tomé. As duas peças foram trazidas por colonos portugueses para as ilhas onde foram aculturadas pela cultura afro-crioula local. Este artigo aborda a questão da época da introdução do Tchiloli, nome em crioulo são-tomense do teatro popular baseado na peça *Tragédia do Marquês de Mântua e do Imperador Carlos Magno*, escrita por volta de 1540 por Baltasar Dias (c.1515 – c.1580), um dramaturgo cego madeirense da escola de Gil Vicente (1465-1536). O Tchiloli é a manifestação cultural internacionalmente mais conhecida desta antiga colônia portuguesa. Existem várias publicações e filmes documentários sobre este teatro popular emblemático que, desde os anos de 1960, apareceram não só em português, mas também em inglês, francês e alemão. Enquanto a relevância deste teatro singular para a cultura são-tomense é consensual, existe alguma discórdia quanto ao período da sua introdução em São Tomé. Há quem afirme na base de ideias luso-tropicalistas dos anos de 1960 que esta peça existia na ilha desde o início da sua colonização no século XVI, embora não exista nenhuma evidência provando esta afirmação. A primeira parte da comunicação resume a história colonial de São Tomé, a segunda parte apresenta o Tchiloli e as suas características e a terceira parte aborda a questão da sua introdução na ilha.

Robert Stock (Universidade de Berlin)

Testemunhar sobre a violência colonial. Restos arquitectónicos, documentário e a Temporalidade do Pós-colonial

Memoy in Three Acts (2016) por Inadelso Cossa revisita a Vila Algarve em Maputo, Moçambique, e encena a ruína no centro da capital moçambicana como um local de testemunho situado (“situated testimony”). Ao confrontar restos arquitectónicos, testemunhos pós-coloniais e meios cinematográficos, Cossa cria uma estética política com diversas camadas temporais entrelaçadas que evocam os efeitos perturbadores da violência colonial. Assim, a produção fílmica desafia o lugar da Vila Algarve nos processos de descolonização moçambicana/portuguesa. Tem havido algum debate em torno da Vila como um local crucial para lembrar a luta nacional pela libertação (“Museu de Resistência contra o Colonialismo”), o seu significado para a PIDE do Estado Novo e a opressão dos membros da Frelimo, bem como um elemento da herança arquitectónica colonial. Embora a situação do edifício continue incerta, a produção documental e as suas políticas testemunhais criam um marco significativo e geram possibilidades de compreender as temporalidades do pós-colonial.